



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Do feminino como estranho ao feminino infamiliar: deslizamentos entre fronteira e litoral¹

Heloísa Bedê

Orcid: [0000-0001-7631-8224](https://orcid.org/0000-0001-7631-8224)

Psicanalista

Mestranda em Estudos Psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG (Belo Horizonte, Brasil)

Bolsista de mestrado da CAPES

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

E-mail: heloisa.bede@gmail.com

Vinícius Moreira Lima

Orcid: [0000-0002-4253-8154](https://orcid.org/0000-0002-4253-8154)

Psicanalista

Mestrando em Estudos Psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG (Belo Horizonte, Brasil)

Bolsista de mestrado do CNPq

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Minas Gerais, Brasil)

E-mail: ymlima6@gmail.com

Resumo: Este trabalho visa extrair algumas consequências da diferença entre o feminino abordado como estranho (sendo por isso excluído e segregado na cultura e na neurose) e um feminino infamiliar, que atravessa cada ser falante à sua revelia como um modo de gozo que desmonta sua totalidade corporal. Buscamos sustentar a hipótese de que a abordagem do feminino como estranho é consequência da operação de recusa do feminino, tomado enquanto um feminino de ninguém. Nessa perspectiva, a recusa do feminino infamiliar retorna pela atribuição neurótica do feminino como algo estranho e invasivo. Nessa direção, apostamos aqui que essa articulação talvez nos permita situar o próprio modo de operação do gozo feminino enquanto infamiliar para o sujeito que dele se defende, tal como o encontramos na clínica da histeria. Como buscamos argumentar, a estrutura da neurose – e, comumente, da neurose histérica – busca fazer uma fronteira contra o feminino tomando-o como algo estranho, ao passo que o gozo feminino se encontra antes do lado do litoral, com seus avanços e recuos que não respeitam as fronteiras estabelecidas pelas defesas neuróticas.

Palavras-chave: Psicanálise; Feminino; Infamiliar; Gozo; Fronteira; Litoral.

Le féminin entre l'étrange et l'inquietante étrangeté: déplacements entre frontière et littoral: Ce travail vise à extraire quelques conséquences de la différence entre le féminin abordé comme étrange (et donc exclu et ségrégué dans la culture et la névrose) et un féminin *unheimlich*, qui traverse chaque être parlant comme un mode de jouissance qui défait son totalité corporelle malgré soi-même. Nous cherchons à étayer l'hypothèse que l'approche du féminin comme étranger est une conséquence de l'opération de refus du féminin *unheimlich*, pris comme « féminin de personne ». Dans cette perspective, le refus du féminin *unheimlich* revient à travers l'attribution névrotique du féminin comme quelque chose d'étrange et d'envahissant. En ce sens, parions ici que cette articulation permettra peut-être de situer le mode même de fonctionnement de la jouissance féminine comme *unheimlich* pour le sujet qui s'en défend, tel qu'on le retrouve dans la clinique de l'hystérie. Comme nous argumentons, la structure de la névrose – et, communément, de la névrose hystérique – cherche à faire frontière contre le féminin en le prenant comme quelque chose d'étrange, tandis que la jouissance féminine se trouve plutôt du côté du littoral, avec des avancées et des retraites qui ne respectent pas les limites établies par les défenses névrotiques.

Mots-clés: Féminin; L'inquietante étrangeté; Jouissance; Frontier; Littoral.

The feminine between the strange and the uncanny: displacements between border and shore: This work aims to develop some consequences from the difference between the feminine viewed as strange (being thus excluded and segregated in culture and in neurosis) and an uncanny feminine, which traverses each speaking being as a mode of enjoyment that de-consists their bodily totality despite their will. We raise the hypothesis that the approach of the feminine as strange is a consequence of an operation of refusal of the uncanny feminine, taken as a "feminine of no one". In this perspective, the refusal of the uncanny feminine returns by the neurotic attribution

of the feminine as something strange and invasive. We thereby argue that such articulation might allow us to situate the mode of operation of the feminine enjoyment as uncanny for the subject that defends itself from it, such as we find it in the clinic of hysteria. As we try to state, the structure of neurosis – and, commonly, of hysteric neurosis – seeks to build a frontier against the feminine by interpreting it as something strange, meanwhile feminine enjoyment is rather found through the logic of the shore, with its advances and retreats that do not respect any boundaries set by neurotic defenses.

Keywords: Feminine; The uncanny; Enjoyment; Border; Shore.

Do feminino como estranho ao feminino infamiliar: deslizamentos entre fronteira e litoral

Heloísa Bedê & Vinícius Moreira Lima

***Das Unheimliche*: o infamiliar com Freud e Lacan**

O ano de 2019 foi marcado pela publicação, no Brasil, de uma nova tradução para o clássico texto freudiano *Das Unheimliche*. Numa proposta encabeçada por Gilson Iannini, Pedro Heliodoro Tavares e Romero Freitas, “o infamiliar” torna-se uma nova maneira de não cessar de não traduzir a palavra-conceito de Freud, numa perspectiva que, entre vários outros aspectos etimológicos por ela levados em conta, tem ainda a vantagem de nos forçar a diferenciar *das Unheimliche* da noção de “estranho”, termo que havia se consolidado pela tradicional edição *standard* da Imago. No entanto, a despeito dessa já habitual maneira de traduzir *das Unheimliche*, Iannini (2021) observa que há, no alemão, uma palavra que seria traduzida perfeitamente como estranho, a saber, *Fremde*, fato que nos convoca a sustentar a especificidade de *das Unheimliche* por outros caminhos. Afinal, “o estranho é apenas estranho”, perdendo de vista a dimensão íntima que caracteriza o *unheimlich* freudiano: “Quando Freud propõe o *unheimlich*, no contexto do pós-guerra, ele mostra que o estrangeiro, o inimigo, habita em mim, no meu íntimo” (Iannini, 2021, p. 87).

No texto freudiano que leva esse mesmo nome, o infamiliar (*das Unheimliche*) diz respeito a algo do secreto e do oculto que, mesmo tendo sido recalcado pelo sujeito, acabou por vir à luz, provocando uma sensação angustiante de ser confrontado a algo do íntimo que o sujeito não pode reconhecer como tal. Um exemplo paradigmático desse elemento nos é dado pela própria experiência de Freud, que estava numa viagem de trem quando, devido a um forte solavanco, a porta do toalete ao lado de seu compartimento se abriu e, em seguida, entrou em sua cabine “um senhor mais velho, de pijama, com o boné de viagem na cabeça”. Ao levantar-se com a intenção de mostrar a esse senhor o equívoco que havia cometido, Freud, espantado, percebe: “o invasor era a minha própria imagem refletida no espelho da porta intermediária. Sei ainda que essa aparição me deixou, no fundo, descontente” (Freud, 1919/2019, pp. 103-105).

O fundamental nessa situação é que “Freud é afetado pelo objeto olhar que emerge no espelho, do qual se sente subitamente alvo – olhar que desfaz a imagem especular impedindo-o de reconhecer-se” (Quinet, 2009, p. 9). Freud se vê objeto do olhar antipático do Outro, afetado pela estranha aparição de algo do íntimo que ele não pôde reconhecer. Esse breve relato da experiência freudiana nos transmite o cerne da sensação de *unheimlich*: a irrupção desconcertante de algo que não se acomoda na imagem especular, um objeto infamiliar que foge ao narcisismo pelo qual o sujeito organiza seu mundo. No infamiliar, o que está em jogo é a reaparição de algo do íntimo que o sujeito não pode reconhecer como próprio, levando-o a estranhar, com angústia, a irrupção desse elemento inquietante.

É essa experiência de estranheza íntima que aos poucos conduzirá Lacan a fazer uma releitura do *unheimlich* por meio da noção de objeto *a*, que permite localizar um regime de apreensão do objeto que não passa pela imagem narcísica. Para fazê-lo, entretanto, foi necessário um percurso que desse

lugar ao objeto não apenas pela dimensão do imaginário e do narcisismo, mas também pela dimensão do real e da angústia. Na época do *Seminário 2*, em Lacan, os objetos do mundo, por se organizarem ao redor da “sombra errante” do próprio eu, eram considerados como narcísicos (Lacan, 1954-1955/2010a, p. 226). O eu seria responsável por regular esse mundo dos objetos, dando-lhes uma consistência a partir de sua própria imagem, de forma que todos os objetos teriam um caráter antropomórfico e mesmo egomórfico. Entretanto, há na obra lacaniana a progressiva descoberta de um outro tipo de objeto que é radicalmente estranho ao eu: ele será nomeado como pequeno *a*, um objeto que não tem imagem especular e não obedece aos protocolos narcísicos do eu (Lacan, 1962-1963/2005).

A esse respeito, no *Seminário 6*, Lacan (1958-1959/2016, p. 344) já nos fornecia uma “pincelada” do que estaria por vir nos anos subsequentes. Ele ali afirma que o *Unheimliche* estaria ligado “a esse tipo de desequilíbrio que se produz na fantasia quando, ultrapassando os limites a ela atribuídos de início, ela se decompõe e vem se juntar à imagem do outro”. Trata-se aí de uma crescente consideração do objeto *a*, inscrito na estrutura da fantasia [$(\$ \diamond a)$], como um objeto que regularmente opera no sujeito fora do campo do eu. Mas, quando o *a* aparece ao lado da imagem especular [$i(a)$], desfazendo sua consistência, emerge a sensação de estranheza que constitui a *Unheimlichkeit*.

É essa perspectiva que Lacan avançará no *Seminário 10*, pela articulação entre o infamiliar e a angústia. Nesse Seminário, a aparição do objeto *a* como presença, e não como falta, torna-se causa de angústia para o sujeito. O menos-phi escreve a falta operatória, o esvaziamento de gozo que é inerente à entrada do sujeito no simbólico e à constituição do enquadramento da realidade na neurose. Quando essa falta operatória vem a faltar, por ser preenchida pela aparição do objeto *a* no lugar menos-phi, há uma perturbação da imagem, responsável pelo fenômeno de infamiliaridade – a exemplo da situação de Freud no trem –, consoante a um fenômeno de angústia, pela presença de algo do objeto que revela a não-autonomia do sujeito (Lacan, 1962-1963/2005). Quando falta a falta, o sujeito se angustia pela presença indizível desse objeto paradoxal. Assim, enquanto a *Unheimlichkeit* se articula às perturbações da imagem [$i(a)$], tais perturbações ocasionam o aparecimento do objeto *a*, que faz faltar a falta e libera a angústia (Vieira, 1999).

Alguns anos mais tarde, ao escrever a tábua da sexuação, Lacan (1972-1973/2008) não aborda diretamente o tema do infamiliar. No entanto, cabe observar que o psicanalista inscreve o objeto *a* do lado feminino da tábua. Quais consequências poderíamos extrair dessa escrita para pensar o infamiliar na sexuação? Em primeiro lugar, constatamos que a lógica da sexuação inaugura um novo modo de pensar a diferença entre os modos de gozo, permitindo situar a posição feminina mais além do lugar de objeto que lhe é conferido no laço social pela fantasia masculina (ou seja, $L\bar{A} \neq a$). No entanto, o objeto *a* ainda assim participa do lado feminino da sexuação, seja porque é a partir da estrutura do fantasma que o lado masculino aborda o feminino ($\$ \rightarrow a$), seja porque a posição feminina envolveria fazer semblante desse objeto para causar o desejo do Outro – ou seja ainda porque a própria cultura toma como infamiliars aqueles seres falantes que se situam (ou parecem ter permeabilidade a se

colocar) do lado feminino, para além do regime fálico de inteligibilidade dos corpos.

Essa última perspectiva nos conduz a perceber que há algo da posição feminina que parece veicular na cultura efeitos de *unheimlich*, por encarnar precisamente algo do íntimo que é excluído, recusado como tal pela estrutura da neurose, sendo, por isso, segregado como estranho. Quem se autoriza a ocupar uma posição feminina – ou é lido dessa forma no laço social – acaba por carregar consigo um efeito de estranheza ou, mais exatamente, de infamiliaridade, que frequentemente é tomado pela via de um excesso a ser regulado, por uma infração cometida em relação à norma fálica. É desse ponto que derivam os fenômenos de difamação das mulheres (Lacan, 1972-1973/2008), mas que podemos de certa forma estender, desde que salvaguardadas suas especificidades, às injúrias, às violências e aos crimes de ódio dirigidos a mulheres trans, travestis, bichas afeminadas, que, à sua maneira, são lidas como portadoras de algo desse feminino infamiliar no laço social, devido ao fato de darem corpo a um ponto de inapreensível para a lógica fálica hegemônica (Lima, 2021).

Diante disso, nossa hipótese neste trabalho é que a abordagem do feminino como estranho é consequência da operação de recusa do feminino infamiliar, tomado enquanto um feminino de ninguém. Assim, a recusa do feminino infamiliar, do feminino que atravessa cada ser falante como uma alteridade íntima, retorna pela atribuição neurótica do feminino como algo estranho e invasivo, como uma pura exterioridade em relação à qual o sujeito não teria nenhuma participação – mas diante da qual encontramos, frequentemente, respostas de ódio e segregação, pelo rechaço da alteridade implicada em qualquer gozo que pareça diferente do fálico.

Dessa forma, ainda que o infamiliar e o feminino sejam estruturalmente diferentes tanto em Freud quanto em Lacan, há, no entanto, a possibilidade de tomar o infamiliar como um adjetivo – tal como na expressão “feminino infamiliar” – que descreve uma operação de recusa de algo do íntimo que, a partir desse gesto, retorna ao sujeito como estranho. Essa articulação talvez nos permita situar o próprio modo de operação do gozo feminino enquanto infamiliar para o sujeito que dele se defende, tal como o encontramos na clínica da histeria. Nas seções seguintes, buscaremos localizar o modo de funcionamento histórico que busca fazer uma fronteira contra o feminino tomando-o como algo estranho, ao passo que o gozo feminino se encontra antes do lado do litoral, com seus avanços e recuos que não respeitam qualquer fronteira.

Do feminino como estranho ao feminino infamiliar

Com Lacan (1972-1973/2008), as ditas mulheres, ou melhor, os seres falantes que se deixam atravessar pelo lado feminino da sexuação, quaisquer que sejam suas anatomias e identificações de gênero (ainda que frequentemente as mulheres deem corpo a essa posição subjetiva), encarnam o meio dizer entre o gozo que podem extrair da linguagem e um Outro gozo sobre o qual não soltam uma palavra sequer. Diante dessa satisfação Outra, “o encontro com o elemento extraviado e contingente inaugura o momento de certo silêncio” (Massara, 2014, p. 20). Afinal, trata-se de uma experiência de exílio do Outro, na qual “esse gozo propriamente feminino tem aderências muito potentes com o registro

do real, aquele onde a linguagem encontra seu próprio limite” (Miller, 2021, p. 257).

Assim, cada trabalho que se debruça sobre a temática do feminino é confrontado com um impasse intrínseco à estrutura do não-todo: ele se furta a uma apreensão conceitual pura. Diante dessa clínica de impossibilidades, que carrega consigo um impossível de dizer, as produções que abordam o feminino fazem-no a partir de seus efeitos e de suas manifestações; pela via das místicas, da devastação, dos extravios, bem como do arrebatamento amoroso. É digno de nota que Freud (1919/2019), em sua astúcia de escritor, faz um percurso semelhante na construção do texto *Das Unheimliche*. Ele inicia sua pesquisa com uma definição extensional do infamiliar, trabalhando situações e vivências em que este se faz presente, para depois partir para uma definição intensional do termo a partir de suas raízes etimológicas. A inversão posterior da estrutura do texto para sua publicação tratou-se de uma escolha estilística.

Tanto o infamiliar quanto o feminino, portanto, têm a marca de uma impossibilidade e implicam certo forçamento ante as barreiras linguísticas que denunciam. Frente a essa impossibilidade, não faltam exemplos históricos – e inclusive contemporâneos – de movimentos que segregam o feminino enquanto um elemento estranho, algo perturbador do qual não se quer saber. Vão nessa direção os vários movimentos masculinistas como os *incels* ou o MGTOW (*Men Going Their Own Way*), que, mesmo na aurora do século XXI, depois de mais de cem anos da incidência do feminismo na cultura, ainda buscam fazer da mulher um objeto inferior, incompleto e degradado, tal como a crítica feminista não cessa de denunciar. Nesse lugar vazio de representação do feminino, surgem figuras d’A mulher que não existe, máscaras que percorrem temas de horror, malignidade, luxúria e sensualidade, mas também da mulher adorada que fascina, da beleza que cega (Fuentes, 2021, pp. 49-50): “O que de mais famoso, na história, restou das mulheres é, propriamente falando, o que delas se pode dizer de infamante” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 91).

Inserida nessa cultura, a psicanálise recolhe em sua prática clínica precisamente os efeitos dessa história de segregação do feminino, tal como encontramos na seguinte passagem de *Psicologia das massas e análise do Eu* – escrito ao mesmo tempo que *Das Unheimliche* –, em que Freud constata a exclusão das mulheres e do feminino no laço social, a partir dos exemplos da Igreja e do Exército:

Nas grandes massas artificiais, Igreja e Exército, não há lugar para a mulher [*Weib*] como objeto sexual. A relação entre o homem e a mulher fica excluída dessas organizações. Mesmo lá onde se formam massas em que homens e mulheres estão misturados, a diferença sexual não desempenha nenhum papel (Freud, 1921/2021, p. 222).

Podemos considerar que essa perspectiva freudiana, que pensa a exclusão das mulheres e do feminino como um dos fundamentos do laço social no Ocidente, encontra ressonâncias numa outra formulação, agora de Lacan:

Não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras [...]. Nem por isso deixa de acontecer que se ela está excluída pela natureza das coisas, é justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar (Lacan, 1972-1973/2008, p. 79).

Assim, atravessando a história, encontramos, sob diversas roupagens, a insistência de um fato de estrutura: por um lado, a exclusão estrutural das mulheres e do feminino para a fundação do laço social em termos fálicos; por outro lado, a irrupção do gozo feminino como suplementar ao gozo fálico, como uma satisfação que não está inteiramente regulada pelo padrão de medida encarnado pelo falo. Não à toa, um gozo diferente do fálico "sempre foi combatido e equivocadamente suposto no corpo de outra pessoa quando, pelo contrário, se concordarmos com o conceito de *extimidade, o Outro é Outro dentro de mim mesmo*" (Dicker, Badari & Caldas, 2016, p. 4, grifo dos autores). O que significa que a operação de exclusão do feminino na cultura é coextensiva à operação neurótica de recusa do gozo feminino naquilo que ele carrega de alteritário. Curiosamente, vale observar que a noção de extimidade, que aponta para algo de externo, de estrangeiro, na própria intimidade do sujeito, constitui, até certo ponto, uma outra versão lacaniana do infamiliar (Iannini, 2015), aqui aproximado à alteridade íntima do gozo feminino.

Dessa maneira, a recusa do feminino infamiliar, desse Outro gozo tomado enquanto alteridade íntima que atravessa o corpo de cada sujeito, retorna pela ficção neurótica do gozo de um Outro invasivo e avassalador, frequentemente encarnado na figura de um inimigo: "o inimigo que o tirano teme é aquele que lhe disputa o gozo. Ao atacar o modo de gozo do Outro, especialmente no campo sexual, o sujeito supõe defender sua própria forma de gozo" (Bonfim, 2020, p. 18). A constituição do gozo do Outro como inimigo, a partir do rechaço de quem quer que encarne a alteridade num dado registro fálico, opera aí no sentido da recusa do gozo feminino no próprio sujeito, desse Outro gozo que se apresenta, em cada ser falante, como um feminino infamiliar.

Ainda que o laço social organizado em termos fálicos busque segregar o feminino, tradicionalmente localizado nas mulheres e em diversos outros corpos que se colocam em exceção à norma fálica, sabemos, entretanto, que o feminino é um feminino de ninguém, de forma que ele excede essa tentativa neurótica de sua localização em um dado gênero ou grupo e atravessa cada sujeito à sua maneira. Nessa direção, podemos pensar que, se, por um lado, *A mulher não existe*, o gozo feminino é intrusivo na medida em que se trata de um gozo fora do sentido, que desfaz a consistência corporal almejada pelo neurótico. É o que Miller (2011) sintetiza ao afirmar que o gozo como tal é feminino, por contemplar sua dimensão de irrepresentável, de indizível, de irreduzível e, não menos, de ilimitável. Em última instância, constatamos que qualquer ser falante pode ser assombrado por uma experiência de gozo dessa ordem, que isola cada um em seu campo de indizível, ali onde seu impossível de dizer acontece no corpo.

O gozo feminino, "seja para o homem como para a mulher, é um acontecimento de corpo fora

do sentido” (Lutterbach, Siqueira & Otoni, 2021, p. 18). Isto é, independentemente de seu sexo ou de seu gênero, cada ser falante terá de se haver com o feminino do gozo ou mesmo lhe emprestar algumas libras de carne. Nos seres falantes permeáveis ao lado feminino das fórmulas, podemos encontrar desde um consentimento ante as irrupções desse gozo até um se deixar levar por ele, em sua vertente de extravio, de difamação. Já nos seres falantes localizados do lado masculino das fórmulas, temos tanto homens quanto mulheres defendendo-se do feminino, com horror a ele: “o feminino é insuportável para a neurose” (Dafunchio, 2013, p. 30). A estrutura neurótica, assim como a estrutura social, são estruturas homossexuadas (Dafunchio, 2013), uma vez que se interessam apenas pelo regime fálico, pelo regime do Mesmo, rechaçando a alteridade encarnada pelo feminino.

É o que Freud desenvolve no texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* quando estuda a conformação das grandes massas como a Igreja e o Exército, dizendo que são formações homossexuais – homossexualidade masculina, que está sustentada numa ordem fálica, que rechaça a alteridade do feminino. A estrutura social e a estrutura neurótica são homossexuais, são estruturas que rechaçam a alteridade do feminino (Dafunchio, 2013, p. 30).

Em *O tabu da virgindade* – terceira parte de *Contribuições para a psicologia da vida amorosa*, publicado um ano antes de *Das Unheimliche* –, Freud (1918/2018) também rascunhava, com impressionante destreza, certa proximidade das mulheres com um ponto de inapreensível, encarnando certo pavor: “A mulher [*Weib*] inteira constitui tabu” (p. 162). Nas palavras do autor:

em todas essas regras de evitação está expresso um horror fundamental à mulher. Talvez este horror esteja justificado pelo fato de a mulher ser diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha, e por isso parecer hostil. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, ser contaminado por sua feminilidade e então mostrar-se incapaz (Freud, 1918/2018, p. 163).

Na leitura de Freud, temos, então, do lado da estrutura social, uma força que veicula uma rejeição às mulheres – colocando-as no campo do estranho, daquilo de que não se quer saber – e, do outro lado, o da estrutura neurótica, uma rejeição ao feminino enquanto experiência corporal não traduzível, inquietante, tomada como um enfraquecimento, uma destituição da virilidade. Assim, retomando a proposta de Iannini (2021), o fato de que haja uma força que “rejeita a mulher como estranha e hostil” (Freud, 1918/2018, p. 164) não equivale a tomarmos o feminino como infamiliar. Freud reserva o uso do termo *Unheimliche* para quando, no mesmo texto, elabora sobre a disposição para a angústia em relação ao tabu da virgindade: ela se intensifica ante “algo novo, inesperado, incompreensível, inquietante [*Unheimliches*]” (p. 162).

A partir de Lacan (1972-1973/2008), sabemos que o gozo não-todo fálico não se dá sem sua

parcela de estrangeiridade, uma vez que encarna uma alteridade radical para cada ser falante. Entretanto, há uma diferença qualitativa importante entre ser estrangeiro (aquele que não é referido àquele lugar) e ser intruso (aquele que adentra um território sem permissão ou consentimento). Podemos nos interrogar o que faz com que esse gozo – que é, por excelência, estrangeiro, Outro – passe a ser lido e experienciado pelo sujeito neurótico (seja ele homem ou mulher) como uma intrusão.

Valeria lembrar aqui que a direção de uma análise é levar um ser falante a poder dizer sim à feminilidade (Miller, 2011), isto é, a autorizar-se do gozo feminino (Bassols, 2017). Nesse caso, seria então o horror ao feminino, partilhado pelos seres falantes referidos à lógica toda fálica, o responsável por enviar o gozo não-todo fálico ao campo da intrusão? Ou seja, poderia o apego ao gozo fálico ser tomado como responsável pela recusa de um Outro gozo – o feminino infamiliar –, cujo retorno se daria pela ficção neurótica do gozo do Outro tomado como estranho e intrusivo? A esse respeito, Fuentes (2021) considera a clínica da histeria exemplar, uma vez que esta denunciaria a presença do feminino enquanto algo que provoca “estranhamentos, inibições, sintomas e angústias, seja qual for a identidade sexual que se pretenda” (p. 53). Seguindo nessa esteira, interrogaremos, então, de que modo a histeria, em sua denúncia, pode contribuir para precisarmos os usos do feminino como infamiliar e como estranho.

Impasses entre histeria e feminino

Com Lacan (1972-1973/2008), para além do gênero, podemos pensar a lógica da sexuação por meio de duas formas suplementares em que o ser falante pode ancorar seu corpo à linguagem. Na posição fálica ou masculina temos aqueles que, crentes nos semblantes, tentam se filiar a uma lógica universal orientada pelo falo e pela castração, acreditando na ilusão de terem um fechamento, uma consistência corporal. Já na posição não-toda fálica ou feminina, encontram-se aqueles que aderem a uma lógica singular de gozo que lhes permite articular tal satisfação fálica a uma Outra satisfação, a qual não é passível de ser totalmente circunscrita pela linguagem, na medida em que não há um significante que lhe ordene e lhe ancore à universalidade. São considerados não-todos, portanto, aqueles seres falantes que acessam uma modalidade de gozo que, ainda que se refira à lógica fálica, permite vislumbrar seu mais além. Assim, essa posição veicula um modo de satisfação que implica uma parcela enigmática e inapreensível de gozo, testemunhada, por exemplo, sob a forma de loucura, de deslocalização ou mesmo de falta de consistência corporal.

Uma vez que o gozo feminino não se presta a fixar um sujeito a seu corpo (como faz o gozo fálico), ele assume um caráter potencialmente angustiante, tendendo a levar um sujeito a mobilizar defesas contra sua emergência, “nem sempre desejável” (Fuentes, 2012, p. 142). É, justamente, o que o neurótico faz; uma série de obstáculos frente a esse gozo que, entretanto, é frequentemente um intruso (Dafunchio, 2013). A respeito da histeria, poderíamos inclusive dizer que ela se constitui em referência ao feminino, porém, justamente, pela via de uma recusa (Naveau, 2017).

E, afinal, o que é ser uma mulher? Essa é a questão que orienta o sujeito histérico. Entretanto,

destaca-se que ele não pretende respondê-la com seu próprio corpo. Para isso, ele elege uma outra, A mulher; ela sim teria a resposta para seu ser. Mantendo-a sempre em seu horizonte, o sujeito histérico pode se interrogar sobre o feminino com certa distância, protegendo-se de suas manifestações ao filiar-se ao lado masculino da sexuação.

Assim, o laço com os homens, na histeria, sustenta-se por duas vias principais: o amor ao pai, que veremos em sequência, e o desejo por uma mulher – de preferência aquela que torna possível supor ali, com ela, o segredo da feminilidade. Se, segundo Palomera (2004), toda estrutura tem sua pergunta e dá sua resposta, temos, na problemática histérica, uma questão sobre o sexo, “sobre sua incapacidade de dizer o que é uma mulher”, questão essa que leva o sujeito a “criar uma cena na qual ele se identifique com o outro sexo” (p. 13) para rascunhar sua resposta.

É o que Lacan (1956-1957/1995) sintetiza da seguinte forma: “a histérica é alguém cujo objeto é homossexual: a histérica aborda este objeto homossexual por identificação com alguém do outro sexo” (p. 141). Com o desenvolvimento da teoria da sexuação, por sua vez, passaremos a ler o sujeito histérico como homossexuado, na medida em que se ancora ao lado masculino das fórmulas (Lacan, 1972-1973/2008), sendo enquanto sujeito barrado que ele “levanta a bandeira da divisão subjetiva e aborda a própria feminilidade de forma fantasmática” (Dafunchio, 2013, p. 23), afugentando-se da alteridade encarnada pelo feminino. Assim, a identificação viril “dá conta da posição histérica diante do feminino” (p. 23).

Relendo o Édipo no *Seminário 3*, Lacan (1955-1956/2010b) comenta, a seu modo, o caráter estrutural de tal identificação, destacando o estatuto simbólico da dissimetria, jamais renunciada por Freud, da constituição subjetiva entre o menino e a menina. Se a menina não recebe, como recompensa de sua saída do Édipo, “a realização de seu sexo” (p. 202) assim como recebe o menino, ela é lançada para um “desvio suplementar” (p. 202). Essa suposta desvantagem quanto a seu acesso à identidade, entretanto, vai conferir à menina – caso rascunhe para si uma saída histérica – certa vantagem: a acessibilidade de sua identificação ao pai, importada de seu percurso edípico.

Dada a impossibilidade de realização de seu sexo, a menina encontra, na via das identificações viris, um grande benefício, pois essas lhe fornecem uma “simplicidade estrutural”, uma “via mais curta” para a questão sobre o que é uma mulher (Lacan, 1955-1956/2010b, p. 209). Ali onde falta material simbólico para dar conta das identificações que orientam a sexualidade do sujeito, ali onde o “sexo feminino tem uma característica de ausência, de vazio, de buraco”, o sujeito que assume uma saída histérica seria aquele que se interroga sobre seu próprio sexo ao se identificar fundamentalmente com o sexo oposto (p. 207). Assim, para não se haver com a ausência de material simbólico que diz respeito à mulher, o sujeito histérico toma de empréstimo do pai a identificação viril, na busca de uma garantia para seu ser.

Percebemos como há, então, uma articulação inevitável entre histeria e feminino, atestada pela via de uma insistente recusa. Essa recusa consiste, portanto, em remeter insistentemente o feminino a um campo de alteridade, que não diria respeito ao próprio sujeito, atestando tratar-se de algo alheio,

estranho. Nessa perspectiva, interrogamos se essa operação histórica denunciaria, em um âmbito íntimo, estrutural, a hostilidade ao feminino que Freud (1918/2018) localizou, por exemplo, em *O tabu da virgindade*, no qual temos um horror generalizado ao feminino, tomado enquanto algo eternamente estranho.

Entretanto, segundo Fuentes (2021), “o feminino não é esse *dark continent* avistado à distância, e que só poderia ser delimitado à custa de um Eu que se afirma e se fecha em seu *Heim*, no casulo de sua pretensa identidade, onde se reconhece” (p. 53), especialmente quando consideramos que o próprio *Heimliche* encarna sua parcela de angústia. A autora continua: “o feminino é o lugar dessa *Outra coisa*, litorânea, mar aberto sem limites que nos habita” (p. 53). Desse modo, o não-todo, no que tem de contingente, mostra-se capaz de transgredir esporadicamente as fronteiras da recusa histórica, produzindo, como marcas desse encontro, devastações, arrebatamentos, êxtases, extravios, enfim, transbordamentos.

É o que nos ensinam alguns fragmentos dos relatos de passe de Santiago (2018): “buraco negro”, “o corpo é invadido” (p. 195), “arrebatamento, trovão” (p. 196); e de Holk (2018): “não havia verbo, nem sujeito, nem predicado” (p. 107), “exilada do mundo, parceira da solidão caída em um abismo infinito” (p. 109), “esse corpo em pedaços” (p. 169). Trata-se de um gozo litorâneo, “que pode a qualquer momento fazer retorno no corpo” (Blancard, 2012, p. 101), colocando em xeque a fronteira que forneceria a unidade fálica que a histeria tanto busca.

Importa destacar que o gozo feminino não é necessariamente mortífero, podendo muito bem dar acesso a experiências de prazer, de criação e de amor – sendo, inclusive, o consentimento com a posição feminina uma direção de uma análise para qualquer ser falante. Entretanto, trata-se de um lugar transitório, escorregadio, cuja dificuldade de se sustentar consiste na bifurcação mesma inerente à lógica não-toda: consentir com a posição feminina implica um uso avisado dos semblantes fálicos que permita operar, ao mesmo tempo, com o vazio da castração – “nem toda fálica e nem toda Outra para si mesma” (Fuentes, 2012, p. 145).

Tendo em vista “o terror que pode se instalar quando desfalecem os semblantes que cumpriam a função de alojar um gozo, que então irrompe como real desmedido” (Fuentes, 2012, p. 145), é compreensível que um certo apego ao limite fálico se apresente tão frequentemente como uma suposta garantia para o sujeito contra a emergência desse gozo. É o que nos ensina uma paciente que, após alguns relacionamentos malsucedidos, decreta o início de sua vida de solteira, alegando querer fazer com os homens o que eles fizeram com ela: “tirar satisfação”. Entretanto, faz esse decreto desavisada do valor profético que suas palavras teriam. A satisfação fica muito bem fora de cena e, quando decide relançar-se em busca de uma parceria amorosa, depara insistentemente com um “tarde demais”.

Em sua fala, destacam-se dois significantes: “docinho” – apelido dado pelos colegas de infância devido a seu charme, criticado pela mãe, com a frase: “Quando te elogiam você se derrete, você não pode ser assim!” – e “coronel” – apelido fornecido pelo pai, ex-combatente, que diz que, como ele, a filha tinha um gosto por dar ordens. Este último apelido legitima a inversão que faz da frase da mãe:

“Se armada, não me derreto”. Sob transferência, a paciente apresenta sua divisão a partir desses dois nomes de gozo, sobre os quais sua histeria se sustenta. Para sempre insatisfeita, enquanto “docinho”, goza sonhando em ser arrebatada de amor, ao passo que, enquanto “coronel”, encarna a vertente fálica da satisfação encontrada em sua posição de solteira, isto é, “de quem está no comando, como os homens”.

Se, quando menina, se derretia com os elogios que coletava, a marca superegoica da repreensão da mãe faz de seu sonho de ser arrebatada por amor um símbolo de grande sofrimento em sua vida adulta. Tão logo, sua armadura de coronel, emprestada do pai, virá lhe proteger da devastação que testemunha quando está “ao mando [almando, amando] dos homens”. É diante dos rasgos encontrados na armadura paterna que um “buraco negro” se anuncia esporadicamente em seu peito, desvelando a impossibilidade de sustentar-se armada e amada ao mesmo tempo.

A partir do que nos transmite este caso, podemos decantar, além da identificação viril, outro ponto-chave que opera como uma suposta proteção, ou mesmo garantia, para a paciente ante a insistente ameaça de derretimento suscitada pelo amor, pelo defronte inevitável com a alteridade que esse afeto implica: a armadura do amor ao pai. A jovem coronel nos ensina que, ao fazer com os homens o que fizeram com ela, ela estaria a salvo de ser objeto da satisfação masculina, de estar “ao mando” dos homens. Para tanto, ela nos esclarece a importância de sua armadura de general, que conferira consistência a seu corpo, impedindo que este se derretesse como na profecia devastadora da mãe.

Podemos encontrar a busca por tal armadura desde a narrativa clássica do complexo de Édipo, aquela que, para a menina, envolve algumas voltas a mais (Lacan, 1955-1956/2010b). Após a criança desapontar-se o suficiente em suas expectativas de ser presenteada com o falo, a privação materna abre espaço para um novo protagonista, o pai. Assim, enquanto o menino se prende à ilusão de ter o falo, confundindo este significante que instaura a falta no Outro com seu órgão genital, a menina é levada a abdicar dessa suposta garantia, mas não sem antes lançar mão de uma ancoragem específica: sua aposta, o amor paterno.

Há aí um importante achado: se o falo não está sob seu domínio, a menina acreditará acessá-lo, então, indiretamente, pela via do amor ao pai. Por meio desse atalho, supõe que conquistará a consistência que lhe falta, a substância para seu ser que nenhum significante parece ofertar. Diante da impossibilidade de ter o falo, a menina identifica-se àquele que supõe tê-lo, ela identifica-se a um traço do pai. Tal identificação simbólica – que também tem seus ecos imaginários, pela via da identificação viril – oferece uma espécie de armadura (Lacan, 1976-1977), que, como vimos, conferirá ao sujeito, caso este dê corpo a uma histeria, certa estabilidade e consistência.

Tudo corre (suficientemente) bem nessa história, nesse sonho harmonioso de Freud, até que se considere um importante detalhe, anunciado por Lacan (1955-1956/2010b): há uma ausência de material simbólico que diria respeito ao feminino. Devido a este fato de estrutura, o que há de feminino no sujeito encontra-se impedido de ser completamente respaldado pela lógica fálica, restando dessa

tessitura um ponto não simbolizável; a referência ao falo não satura o gozo nas mulheres (Fuentes, 2012).

A impossibilidade de fazer-se um corpo permanentemente circunscrito, ordenado pelo engodo fálico, deixa o sujeito mais exposto às irrupções esporádicas de um Outro gozo. Tendo isso em vista, o amor ao pai se sustentaria enquanto uma tentativa de suplência, como uma esperança de defesa frente às manifestações do gozo feminino, que colocam em questão a identidade e a unidade do sujeito (Schejtman, 2012). Dessa forma, o histórico busca na ordem fálica e na identificação a um traço do pai uma resposta sobre o feminino, de modo a que o próprio sujeito não tenha que se haver com isso.

Curiosamente, na histeria, o amor ao pai não deixa de ser um amor à castração do pai – no caso mencionado, ao pai que foi deposto do cargo de general. Rosa (2019), relendo casos das primeiras históricas freudianas, destaca a presença recorrente da figura do pai morto, aquele doente, moribundo, que requereria uma enfermeira – posição esta que as históricas assumiam com muita destreza. Ocupadas de cuidar da falta no Outro, atribuíam ao pai um cargo simbólico, nobre, aquele de “ex-combatente” (Lacan, 1969-1970/1992), isto é, um lugar idealizado e castrado ao mesmo tempo. Estamos falando de uma figura submetida à lei simbólica e que, portanto, veicularia um limite.

O amor ao pai nada mais é que isto: um amor ao limite, uma tentativa (insuficiente, sabemos) de circunscrever os avanços desse Outro gozo. Assim, podemos pensar que o pai serviria mais como um obstáculo ao não-todo do que um veículo a este, podendo a armadura do amor ao pai representar, inclusive, “um refúgio à devastação pela mãe” (Rangel, 2016, p. 6). Fato é que, clinicamente, deparamos com uma rachadura, quiçá estrutural, na armadura que o histórico toma emprestada do pai, impedindo que o sujeito se proteja completamente ante as aparições dessa satisfação não-toda regulada pelo falo. Afinal, tal armadura do amor ao pai não foi feita sob medida para o sujeito; ela não recobre o furo veiculado por esse gozo que não tem fronteiras (Bassols, 2017).

Mas a artilharia que o sujeito histórico despende para se proteger do feminino, fazendo deste um intruso, poderia servir também enquanto um recurso possível para mediar uma abertura ao não-todo. Uma vez que “o limite feminino, por não ser estrutural, traz sempre o aspecto de um contorno artificialmente composto” (Teixeira, 2012, p. 27), contingente, o amor ao pai como um amor ao limite pode ser uma ferramenta clínica de suma importância, por permitir uma mediação ao encontro do sujeito com o ilimitado do gozo. A esse respeito, Lacan (1975/1988) chega a dizer que, contrariamente ao que se acredita, o falocentrismo seria a melhor garantia da mulher.

O gozo feminino: uma questão de litoral

Em *Lituraterra* – bem como em sua *Lição sobre Lituraterra* (Lacan, 1971/2009) – Lacan (1971/2003), antes de mencionar a bastante conhecida noção de litoral, se serve primeiramente de uma definição de fronteira. Esta, “ao separar dois territórios, tem apenas uma falha, mas que é de porte. Ela simboliza que os dois são a mesma coisa, por assim dizer, pelo menos para quem a atravessa” (Lacan, 1971/2009, p. 109). Assim, a lógica da fronteira aponta que há, entre os territórios que pretende

delimitar, “um denominador comum” (Lacan, 1971/2003, p. 18), caso contrário, não seriam necessários recursos de tamanho porte para distingui-los, já que sua diferença estaria posta de partida. É o caso do litoral:

este é diferente de uma fronteira. Aliás, vocês devem ter observado que essas duas coisas nunca se confundem. O litoral é aquilo que instaura um domínio inteiro como formando uma outra fronteira, se vocês quiserem, mas justamente por eles não terem absolutamente nada em comum. Nem mesmo uma relação recíproca (Lacan, 1971/2009, p.109).

Seguindo a lógica litorânea, então, temos dois elementos notadamente distintos – como terra e mar ou mesmo terra e céu (Porge, 2019, p. 167) – que, por sua própria diferença de estrutura, fazem fronteira entre um e outro, ainda que se sobreponham a ponto de não se saber onde um começa e o outro termina.

Desse modo, podemos considerar que, na fronteira, há um esforço falhado de delimitar e separar territórios que revelariam entre si um denominador comum, ao passo que, no litoral, há elementos distintos que se fazem fronteira, mas cujo limite é impossível de ser traçado. De um lado, impotência; do outro, impossibilidade. Extraindo dessas duas figuras suas lógicas de funcionamento, tal como indicadas por Lacan (1971/2003), consideramos ser a fronteira e o litoral recursos importantes para nossa investigação.

Vimos que a histeria mantém *À* mulher sempre à distância, lançando mão de recursos como a crença nos semblantes fálicos para garantir que o feminino permaneça no campo do Outro. Nesse sentido, parece razoável aproximarmos o *modus operandi* histérico a uma operação fronteiriça, aquela que se serve de um erro de porte – no caso, o preço que o sujeito paga com seu próprio sintoma – na tentativa de separar um território que não deixa de ser homogêneo. É isto que se acrescenta com a teoria lacaniana da sexualização; a possibilidade de interrogarmos a eficácia dos obstáculos históricos ao feminino, já que, se há obstáculos, é porque há um gozo que não é localizado como o gozo fálico e que pode irromper a qualquer instante, já que, “em suma, não é nada além da expressão da contingência” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 202).

Segundo Bassols (2017), se “as paralisias históricas são um primeiro mapa com fronteiras que o sujeito tenta fazer sobre o feminino do gozo” – sendo os sintomas históricos geralmente uma tentativa de fazer valer essas fronteiras corporais –, “o problema é que o feminino não tem fronteiras” (p. 13). Logo, enquanto o sujeito histérico, escravo da rotina do sintoma, busca um refúgio do feminino pela via da circunscrição fálica de sua satisfação, há sempre a ameaça de um Outro gozo que, ainda que também se produza no corpo, não é experimentado “como próprio, como possessão, mas como uma exterioridade que não faz todo” (Fuentes, 2012, p. 144). Afinal,

o gozo fálico, por ter caráter significante e permitir um saber fazer com o gozo – ao contrário do Outro gozo que, por ser fora-do-sentido arrasta o sujeito para fora de si, faz com que o

sujeito evite o gozo feminino para não comprometer o funcionamento fálico tão necessário ao sintoma. O gozo fálico é então defendido frente a gozos estranhos, ameaçadores para seu domínio estabelecido (Dicker, Badari & Caldas, 2016, p. 3).

Assim, a impotência da lógica fronteira é denunciada pela lógica litorânea, que, segundo Vieira (2020), não se presta a entrar em nenhuma polaridade, afinal, trata-se de um resto irreduzível, refratário à circunscrição. Tal como o feminino, que não é a feminilidade no sentido do gênero (que se opõe ao masculino), a lógica litorânea não implica oposições. Desse modo, o autor considera que o litoral seria uma maneira de tornar operativa a articulação entre uma coisa e uma não-coisa, ao passo em que a fronteira seria a tentativa de uma articulação entre uma coisa e outra. A respeito do gozo feminino, Vieira (2020) afirma que se trata de um gozo sempre sem lugar, ou, ainda, um gozo cujo lugar é ao modo do litoral; onde o limitado – o concreto da areia – e o ilimitado – o infinito do mar – se encontram e produzem um espaço vivo, que seria essa mistura do corpo concreto com seu “inconcreto”. É um gozo que não supõe mediação, ele supõe litoral.

A partir deste percurso pela noção lacaniana de litoral, retomemos alguns pontos-chave a respeito da palavra conceito que nos orienta aqui; o infamiliar. Em Freud (1919/2019), temos o infamiliar como o retorno de algo oculto, secreto, que fora recalcado e que, quando é testemunhado pelo sujeito, é experienciado enquanto angústia, enquanto algo do íntimo que, entretanto, ele não reconhece como seu. Podemos recorrer aqui a mais uma experiência do infamiliar vivida pelo próprio Freud (1919/2019), dessa vez, em um de seus passeios numa pequena cidade da Itália. O psicanalista nos conta ali de uma estranha compulsão à repetição na qual ele se percebe, perplexo, retornando a um reduto local de prostituição, do qual ele conscientemente tentara se desviar, mas, ao andar a esmo, se viu levado a um mesmo ponto:

depois de um tempo em que vaguei sem direção, encontrei-me, subitamente, de novo na mesma rua, onde, então, levantei os olhos e chamou-me a atenção que meu apressado afastamento teve como consequência ter tomado, pela terceira vez, um novo desvio (Freud, 1919/2019, p. 75).

Foi em relação a essa estranha forma de repetição, que o levava continuamente a um reduto de prostituição, que Freud localizou uma sensação de infamiliaridade. Segundo Rocha e Iannini (2019), trata-se aí de um “efeito de angústia gerado pela estranha sensação de aproximação contínua daquilo de que, conscientemente, deseja-se distanciar-se” (p. 189). É precisamente esse “elemento de não identidade” a irromper no seio do sujeito, por meio de sua aproximação angustiante às “mulheres maquiadas nas janelas” (Freud, 1919/2019, p. 75), que nos indica o caráter magnético, e mesmo fascinante, da aproximação a algo do feminino com o qual o infamiliar apresenta afinidade.

Desse modo, vemos que, tal como diante do gozo feminino, também frente ao infamiliar temos

a irrupção de uma angústia que revela o limite dos obstáculos do sujeito contra sua aparição. Trata-se de uma experiência corporal que revela algo do íntimo do sujeito que, por uma operação fronteiriça, por meio do recalque, foi designado como exclusivamente estrangeiro, mas que retorna, denunciando se tratar de terras nativas.

Para encaminhar nossa discussão, poderíamos ainda recordar outra passagem do texto de Freud (1919/2019), resgatada por Iannini (2021), que afirma que a expressão máxima do *Unheimliche* se dá quando se borram, quando são apagadas as **fronteiras** entre fantasia e realidade. Isto é, podemos ler no infamiliar um acontecimento que aponta para a ruína da fronteira que sustentamos entre ficção e realidade, destituindo uma distinção clara entre os dois. Esse ponto nos interessa na medida em que, ao aproximar o infamiliar daquilo que borra fronteiras, desconsistindo o campo da realidade, ele também nos aproxima do feminino, na medida em que as ditas mulheres, "mais próximas do real, ultrapassam os limites, destroem os semblantes civilizatórios" (Fuentes, 2021, p. 50).

Entretanto, é preciso destacar que não se trata de fazer uma sobreposição entre feminino e infamiliar. Poderíamos ler, inclusive, com Fuentes (2021), que,

embora o feminino possa produzir o sentimento do infamiliar, o gozo feminino como experiência de corpo que se dá fora da linguagem, entre "pura ausência e sensibilidade", é, precisamente, um acontecimento de corpo sem sujeito, nem para se angustiar, nem estranhar a ausência de limites do próprio corpo, que é experimentado como *Outro* (Fuentes, 2021, p. 53, grifo da autora).

Assim, para a autora, ante o indizível do feminino, o defronte do sujeito com o $S(A)$ faz com que não haja nada nem ninguém para experienciar a angústia do infamiliar em um corpo já arrebatado (Fuentes, 2021, p. 56). Trata-se de um debate complexo, interessando apenas salientar, aqui, que, independentemente das diferenças que habitam os testemunhos do não-todo e os testemunhos do infamiliar, algo que talvez os aproxime seja seu funcionamento litorâneo. Isto é, trata-se de experiências resultantes da irrupção de algo do qual o sujeito, a princípio, não quer saber, algo que não brange as delimitações corporais traçadas e que denuncia um ponto secreto e oculto do gozo de cada um.

Destaca-se, então, o fato de que, tanto diante do feminino quanto diante do infamiliar – formações que se manifestam de forma litorânea, irrompendo esporadicamente –, temos como reação por parte dos sujeitos construções fronteiriças, que buscam traçar limites claros e distintos para se distanciar dessa experiência de deslocalização. No limite, poderíamos pensar que a operação de fronteira seria uma das formas de lermos o feminino enquanto *Fremde*, afinal, trata-se de uma operação que exila, que deixa de fora, que nomeia como estranho, estrangeiro tudo que foge aos limites dos obstáculos neuróticos erigidos pelo sujeito. Assim, vamos ao encontro de nosso ponto inicial, suscitado por Iannini (2021): há uma diferença entre o feminino como estranho (*Fremde*) e como infamiliar (*Unheimliche*).

Crer no feminino como estranho seria, talvez, uma forma de dar consistência ao esforço histórico de desconhecer – por meio de seus obstáculos, como a identificação viril, a armadura do amor ao pai, a idealização d'A mulher – o feminino que habita cada ser falante e que se manifesta enquanto um acontecimento de corpo fora do sentido. Assim, sustentar o feminino enquanto infamiliar seria, com Vieira (2020), uma forma de fazer litoral, isto é, um fazer entre dois territórios heterogêneos, estrangeiros, para além de qualquer polaridade.

Considerações finais

Buscamos sustentar neste trabalho a hipótese de que a abordagem do feminino como estranho é consequência da operação de recusa do feminino infamiliar, tomado enquanto um feminino de ninguém. A recusa do feminino infamiliar, do feminino que atravessa cada ser falante como uma alteridade íntima, retorna pela atribuição neurótica do feminino como algo estranho, como uma pura exterioridade em relação à qual o sujeito não teria nenhuma participação – mas diante da qual encontramos, frequentemente, respostas de ódio e segregação, pelo rechaço da alteridade implicada em qualquer gozo que pareça diferente do fálico.

Dessa forma, ainda que o infamiliar e o feminino sejam estruturalmente diferentes tanto em Freud quanto em Lacan, há, ainda assim, a possibilidade de tomar o infamiliar como um adjetivo – tal como na expressão “feminino infamiliar” – que descreve uma operação de recusa de algo do íntimo que, a partir desse gesto, retorna ao sujeito como estranho.

Nessa perspectiva, apostamos aqui que essa articulação talvez nos permita situar o próprio modo de operação do gozo feminino enquanto infamiliar para o sujeito que dele se defende, tal como o encontramos na clínica da histeria. Como buscamos argumentar, a estrutura da neurose – e, comumente, da neurose histérica – busca fazer uma fronteira contra o feminino tomando-o como algo estranho, ao passo que o gozo feminino se encontra antes do lado do litoral, com seus avanços e recuos que não respeitam as fronteiras estabelecidas pelas defesas neuróticas.

Notas

1. Este artigo é fruto de uma interface entre a pesquisa de mestrado desenvolvida por Heloísa Bedê, sob orientação da professora Márcia Maria Rosa Vieira Luchina, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, com auxílio financeiro da CAPES, e a pesquisa de mestrado desenvolvida por Vinícius Moreira Lima, sob orientação do professor Gilson de Paulo Moreira Iannini, também no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, com auxílio financeiro do CNPq.

Referências Bibliográficas

Bassols, M. (2017). O feminino, entre centro e ausência. *Opção lacaniana online* [On-line], 23, 1-15.
Recuperado de

http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_23/O_feminino_entre_centro_e_ausencia.pdf

- Blancard, M.-H. (2012). O que a psicanálise deve à histórica. In H. Caldas, A. Murta & C. Murta. *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico* (pp. 101-112). Belo Horizonte: Scriptum.
- Bonfim, F. (2020). Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise. *Periódicus* [On-line], 13(1), 09-24. Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/35256/21725>
- Dafunchio, N. S. (2013). *Seminários: Clínica da Sexuação; Inibição, Sintoma e Angústia*. Salvador: EBP.
- Dicker, S., Badari, P. & Caldas, H. (2016). Entre as paixões do Outro e do falasser. Sobre o êxtimo e a paixão. *Opção lacaniana online* [On-line], 21, 1-8. Recuperado de http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Entre_as_paixoes_do_Outro_e_do_falasser.pdf
- Freud, S. (2018). O tabu da virgindade. In S. Freud. *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 155-178). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (*Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, vol. 7*). (Trabalho original publicado em 1918).
- Freud, S. (2019). *O infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (*Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, vol. 8*). (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2021). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud. *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 137-232). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (*Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, vol. 10*). (Trabalho original publicado em 1921).
- Fuentes, M. J. S. (2012). *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- Fuentes, M. J. S. (2021). O feminino e o infamiliar. In M. Antelo & I. Gurgel (Orgs.). *O feminino infamiliar: dizer o indizível* (pp. 49-56). Belo Horizonte: EBP Editora.
- Holk, A. L. L. (2018). Relato. In J.-A. Miller. *Aposta no passe: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da EBP* (pp. 163-170). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Iannini, G. (2015). Extimus, intimus. *A diretoria na rede: Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise*. Recuperado de <http://www.ebp.org.br/old/extimidade-extimus-intimus-gilson-iannini/>
- Iannini, G. (2021). O feminino infamiliar. In M. Antelo & I. Gurgel (Orgs.). *O feminino infamiliar: dizer o indizível* (pp. 76-89). Belo Horizonte: EBP Editora.
- Lacan, J. (1988). Conferencia en Ginebra sobre el síntoma. In J. Lacan. *Intervenciones y textos 2* (pp. 115-144). Buenos Aires: Manantial. (Trabalho original publicado em 1975).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (2003). Lituraterra. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 15-25). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho

original publicado em 1971).

- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2010a). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-1955).
- Lacan, J. (2010b). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (2012). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro, Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972).
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959).
- Lacan, J. (Inédito). *O Seminário, livro 24: l'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. (Trabalho original publicado em 1976-1977).
- Lima, V. M. (2021). Psicanálise e homofobia: o infamiliar na sexualização. *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental* [Online], 24(2), 397-420. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/T6z5ZfV8N5mYMzMNmX6wjBJ/?format=pdf&lang=pt>
- Lutterbach, A. L., Siqueira, E. & Otoni, F. (2021). O gozo feminino ou o gozo como tal. In M. Antelo & I. Gurgel (Orgs.). *O feminino infamiliar: dizer o indizível* (pp. 18-19). Belo Horizonte: EBP Editora.
- Massara, I. H. M. (2014). *Uma verdadeira mulher e seu extravio: figuras da feminilidade em Lacan*. (Tese de doutorado). UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Miller, D. (2021). As duas margens da feminilidade. In M. Antelo & I. Gurgel (Orgs.). *O feminino infamiliar: dizer o indizível* (pp. 251-261). Belo Horizonte: EBP Editora.
- Miller, J.-A. (2011). Progressos em psicanálise bastante lentos. *Opção lacaniana*, 64, 9-67.
- Naveau, P. (2017). *O que do encontro se escreve: estudos lacanianos*. Belo Horizonte: EBP Editora.
- Palomera, V. (2004). *Posición del analista*. Buenos Aires: Tres Haches.
- Porge, E. (2019). *O arrebatamento de Lacan: Marguerite Duras ao pé da letra*. São Paulo: Aller Editora.
- Quinet, A. (2009). *A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rangel, M. L. (2016). Devastação, o que há de novo? *Opção lacaniana online* [Online], 21, 1-10. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Devastacao_O_que_ha_de_novo.pdf
- Rocha, G. M. & Iannini, G. (2019). O infamiliar, mais além do sublime. In S. Freud. *O infamiliar* (pp. 173-198). Belo Horizonte: Autêntica. (Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, vol. 8).

- Rosa, M. (2019). "Por onde andarão as histéricas de outrora?": um estudo lacaniano sobre as histerias. Belo Horizonte: edição da autora.
- Santiago, A. L. (2018). Coup de foudre. In J.-A. Miller. *Aposta no passe: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da EBP* (pp. 189-196). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Schejtman, F. (2012). *Elaboraciones lacanianas sobre la neurosis*. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Teixeira, A. (2012). O feminino entre o fascínio e a difamação. In M. Antelo (Org.). *Mulheres de hoje: Figuras do feminino no discurso analítico* (pp. 21-28). Petrópolis: KBR.
- Vieira, M. A. (1999). A inquietante estranheza: do fenômeno à estrutura. *Latasa, 1*(4/5), 123-138.
- Vieira, M. A. (2020, julho 30). *Três dimensões do litoral*. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=xj29wuW0mjI&t=734s>

Citação/Citation: Bedê, H., & Lima, V. M. (nov. 2021 a abr. 2022). Do feminino como estranho ao feminino infamiliar: deslizamentos entre fronteira e litoral. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana, 17*(33), 132-151. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2022v17n33p132-151

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 22/08/2021 / 08/22/2021.

Aceito/Accepted: 03/10/2021 / 10/03/2021.

Copyright: © 2022 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.